

Considerações a professoras, professores, educadoras, educadores e instituições de ensino, a partir do olhar da Psicologia, sobre o momento de distanciamento físico e continuidade dos processos escolares e educativos.

Primeiramente, cabe ressaltar o quanto entendemos que o trabalho presencial de professoras e professores, bem como de educadoras e educadores, é insubstituível. Sejam nas escolas, nas universidades ou nos diversos espaços educativos que compõe nossa sociedade, os processos de ensino e de aprendizagem se desenvolvem para além do conteúdo, das tarefas, da leitura ou das perguntas e respostas. Esse trabalho, dada sua qualidade e potência, é vivenciado e desenvolvido no encontro dos sujeitos, dos grupos, da professora e do professor com alunas e alunos, das crianças e jovens entre si, das/dos educadoras/es entre si. O desenvolvimento escolar e educativo acontece, também, por meio do olhar, da escuta, do afeto e de tantas outras possibilidades de convívio com o outro. Vivências que só são possíveis em sua inteireza a partir da colaboração conjunta e enriquecedora do encontro.

Neste sentido, entendemos e precisamos conversar sobre os desafios que o momento atual vem nos oferecendo. Vivemos uma mudança de rotina, de trabalho e de expectativas abruptas, que vem exigindo um repensar, um reinventar e um inventar quase que instantâneo. Entendemos que o momento agora é de nos disponibilizarmos internamente para experimentarmos formatos e possibilidades que possam atender ao máximo nossas necessidades. Mas é necessário reconhecermos o quanto este processo de criar e recriar pode ser custoso e, assim, gerar desgaste e sofrimento à nossa saúde mental – de professoras e professores, educadoras e educadores. **Por isso, precisamos conversar.** Precisamos buscar formas de dialogar, de escutarmos o outro, dividirmos dúvidas e soluções. Por mais que estejamos distantes fisicamente (e devemos estar), precisamos nos encontrar, mesmo que à distância, pois necessitamos mais do que nunca permanecer juntos, por meio de nossas ações coletivas e colaborativas.

Acreditamos que o momento que estamos vivendo, parece estar exigindo muito mais que reinvenção de práticas e formatos de aula, está nos convocando ao diálogo. Por isso, nossas considerações vão ao encontro de que as instituições escolares e educativas, professoras e professores, educadoras e educadores, (re)construam e (re)pensem juntos esse processo.

Precisamos estar atentos a quanto um processo de reorganização e de readaptação exige tempo e experimentação para tornar-se significativo para todas/os as/os envolvidos. É natural que o início pareça e seja vivenciado de modo mais ansiogênico ou frustrante, pois todo novo processo, principalmente sendo implantado de maneira tão imediata, exige toda uma reorganização interna e

externa, mesmo para aquelas instituições que já tenham processos tecnológicos implementados em sua rotina.

Atualmente, diferente de outros momentos, professoras e professores tem trabalhado **exclusivamente** “de casa”, num formato virtualizado, onde todas as tarefas ganharam este modo de operar: preparação de aulas; reuniões; dúvidas dos estudantes e responsáveis; grupos de aplicativos com colegas e equipe; gravação de vídeo aulas; e realização de aulas on-line. Tudo isto, por si só, já aponta questões extremamente significativas. Realizar todas estas tarefas num contexto agora diferente e conhecido: a nossa/sua casa! Local que passa agora a ter novas configurações. Neste “novo” contexto, aspectos muito significativos precisam ser ressaltados e levados, seriamente, em consideração:

- Provavelmente, outros familiares também estão com sua rotina pessoal e de trabalho restrita ao espaço familiar;
- Nem sempre existe um ambiente físico confortável e privativo para desenvolver as atividades profissionais;
- Diversas demandas pessoais atravessam, naturalmente, as atividades profissionais;
- trabalho exclusivamente tecnológico e o uso excessivo da tela (computador, tablets e celulares) tende a gerar maior desconforto, cansaço e maior necessidade de tempo de adaptação;
- Nem todos as/os profissionais estão adaptados às tecnologias exigidas;
- Todas e todos, em maior ou menor grau, estão enfrentando seus próprios medos, ansiedades e estressores com relação ao momento que vivemos.

Dito isto, reforçamos a importância de promovermos, dentro das possibilidades e disponibilidades de cada instituição, espaços para podermos pensar, falar e escutar todos os envolvidos nos processos educativos. Mesmo entendendo que este momento precisa ser passageiro, acreditamos que estamos precisando avaliar e reavaliar nossas possibilidades enquanto escolas e profissionais da Educação, para podermos promover processos de ensino e de aprendizagem possíveis sem que sejam promotores de sofrimentos e prejuízos à saúde mental de todos e todas.

Comissão de Educação do CRPRS

Considerações às famílias

Primeiramente precisamos elucidar que a Educação Domiciliar, ou *homeschooling*, consiste na prática pela qual os próprios pais ou responsáveis assumem a responsabilidade direta pela Educação formal dos filhos, que é feita em casa. Esse sistema não é regulamentado no Brasil, mas tem ocorrido de forma parcial no contexto atual, em que as escolas têm encaminhado atividades para os alunos realizarem sob a supervisão e auxílio da família.

Ressaltamos que é tudo muito novo para todos, inclusive para as escolas! Para isso, recomendamos que orientem os filhos quanto à realização das atividades, respeitando o tempo e o espaço para poderem realizá-las da melhor forma. Os pais não precisam nem devem ter a responsabilidade pelo ensino, mas podem auxiliar na mediação e comunicação com as escolas.

É preciso dialogar com os filhos sobre o contexto atual. Esta conversa deve ser constante. Negociar o quanto é possível para a realização das atividades, lembrando que é tudo novo para todos e que “a medida” do que é possível aparecerá ao longo do processo de aprendizagem. Estabeleça rotinas de estudo e lazer.

- Proteja os filhos de conflitos conjugais e em casos de violência doméstica, denuncie;
- Cuide com quem os filhos estão conversando nas redes sociais e oriente-os acerca dos perigos que podem ter as redes;
- É importante que as crianças brinquem para promoção de sua saúde mental;
- Propicie espaço adequado para que o estudante realize suas atividades;
- Não faça pelo estudante, mas auxilie-o em suas tarefas, lembrando que os pais também podem ter dúvidas. Tente fazer desta situação um momento de aprendizado mútuo;
- As escolas também estão se adaptando, trabalhando constantemente para pensar a melhor forma de contornar esse momento.

Comissão de Educação do CRPRS